

## A VIOLÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS POR ADOLESCENTES ESTUDANTES

Adriana Alves de Oliveira<sup>2</sup>  
Maria do Carmo Eulálio<sup>3</sup>  
Alanna Giselly Cavalcante de Oliveira<sup>4</sup>

### Resumo

Observa-se na sociedade brasileira que a violência é um fenômeno que vem adquirindo cada vez mais importância e dramaticidade. Muitas são as expressões da violência, os sujeitos envolvidos, as consequências, e por sua contundência e expansão, tem alcançado cada vez mais, espaços destinados à formação do espírito cidadão da sociedade, como é o caso da escola. Diante deste panorama preocupante, surge a necessidade de compreender e analisar como os estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada, em Campina Grande, PB, pensam sobre a violência. Sendo assim importante salientar o emprego da Teoria das Representações Sociais de abordagem moscoviciana como suporte teórico-metodológico. A amostra foi composta por 187 adolescentes (113 da Rede Pública e 74 da Rede Privada), com média de idade de 16,34 anos, de ambos os sexos. Os instrumentos de coleta de dados foram o Questionário Sócio-Demográfico, a Associação Livre de Palavras e a Entrevista Semi-Estruturada. A palavra violência foi associada à agressão; drogas; morte; assalto; estupro; assassinato; racismo e espancamento, como possíveis elementos do Núcleo Central das Representações Sociais, tendo em torno elementos periféricos como Abuso Sexual, Fome, Maldade, Dor, Abuso de Autoridade, Vingança, e Ódio. Nas entrevistas, os adolescentes expressaram o medo e a apreensão constante na vivência cotidiana. As Representações Sociais, construídas por estes estudantes, deu-se de forma clara e explícita, os quais não se detiveram a uma violência específica na escola, que a cada ano aumenta seus índices de crueldade tanto no Brasil como no mundo. Para estes estudantes entrevistados, a violência se mostra sim, no palco da vida, e na sua real conjuntura social, sendo apresentada como forma de crueldade e de convivência ameaçadora apoderando-se da liberdade e da dignidade de se viver em paz e com tranquilidade.

Palavras-Chave: Adolescentes. Representação Social. Estudantes. Violência.

<sup>1</sup> Trabalho de pesquisa subvencionado pelo auxílio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC/CNPq/UEPB, financiado pelo CNPq, durante o processo n° 113233/2002-7.

<sup>2</sup> Psicóloga Organizacional e Clínica pela UEPB. Mestre em Saúde Coletiva pela UEPB. Especialista em Gestão de Recursos Humanos pela UEPB. Pós-Graduada em Gestão em Saúde Pública pela UEPB. Coordenadora do Departamento de Gestão de Pessoas e da Ouvidoria do CESED/FACISA/FCM/ESAC. Docente do Curso de Administração da FACISA/CESED. E-mail: adrianaalvesoliveira@ig.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em Psicopatologia Clínica pela Université Paul Valéry (1993). Professora do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, PB. E-mail: carmitaeulalio@terra.com.br.

<sup>4</sup> Graduada em Direito pela Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas (FACISA/CESED). Graduada em Administração de Empresas pela UEPB. Pós-Graduada em Administração Pública pela UEPB e Direito do Trabalho pela UNINTER. Docente tutora no Curso de Bacharelado de Administração Pública da UEPB. E-mail: agiselly@msn.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas do século XX e neste novo século XXI, o crescimento da violência no Brasil vem afetando todos os setores da sociedade. Tal crescimento enseja discussão de que o país estaria passando por uma nova epidemia social e por um dos mais graves problemas de saúde pública a ser enfrentado, como destaca Souza et al (2003, p.83). Essa argumentação se fundamenta, segundo Minayo et al (2003), principalmente, na penetração que esse fenômeno passou a ter nos cenários da vida individual e coletiva, na deterioração da qualidade de vida e nas condições de saúde da população.

Entende-se violência de forma ampliada, como “qualquer ação ou omissão realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionem danos físicos, emocionais, morais e espirituais a si próprios ou aos outros” (ASSIS; CONSTANTINO, 2003, p.163), ou seja, é uma forma de violação dos direitos de qualquer cidadão.

Seguindo uma proposta interdisciplinar, e observando esta nova realidade, algumas promissoras pesquisas estão em desenvolvimento no Brasil, nas quais a problemática da violência é tratada como assunto de saúde pública e não mais como um fenômeno adstrito apenas à esfera social.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (1993), “a violência, pelo número de vítimas e magnitude de sequelas orgânicas e emocionais que produz, adquiriu um caráter endêmico e se converteu num problema de saúde pública em vários países” (OPAS, 1993).

Muitas são as expressões da violência dos sujeitos envolvidos, e, suas consequências são tão crescentes por sua contundência e expansão, que têm alcançado cada vez mais espaços destinados à formação do espírito cívico da sociedade, como é o caso da escola.

Nos dias atuais, se observa cada vez mais, falta de estrutura familiar adequada, como também, dificuldades das crianças e/ou jovens crescerem num ambiente saudável e seguro, aumentando assim, as chances destas se desenvolverem dentro de um meio social não pleno e desequilibrado.

Além disso, estas crianças e/ou jovens crescem e se relacionam em ambientes influenciadores negativos, tais como, proximidade de bares junto às escolas, como também, vivenciam o uso de armas de fogo como algo cotidiano, ameaças de morte, agressões físicas e sexuais, depredação e venda de drogas, entre outras, o que, possivelmente, faz gerar uma grande falha em todo o seu processo de desenvolvimento saudável e adequado. Esta realidade ultrapassa não apenas a vida cotidiana familiar destes jovens, mas, também, os portões das escolas públicas e privadas de todo Brasil.

Dentro deste contexto e por mais profundas que as explicações da violência possam ser, é no palco da vida que ela se faz mostrar, com toda a crueldade, ameaçando a propriedade, a liberdade, a dignidade e a própria vida. Esta magnitude de conhecimentos, de ameaças e de vivências faz gerar em toda sociedade, sentimentos, comportamentos e estilos de vida marcados, sendo assim, essencial, uma melhor reflexão e compreensão de um fator tão marcante e causador de tamanho sofrimento, a violência.

Este percurso do conhecimento científico até o conhecimento do senso comum que permeia a violência, se torna necessário quando se tem por objetivo compreender seu significado para uma sociedade em larga medida

leiga – como no caso dos adolescentes estudantes. Assim, entender o que eles pensam, sentem, e como representam a violência é procurar compreender, como o conceito foi construído socialmente, como é mantido, ou se transforma nos dias de hoje, observando até que ponto interfere na saúde e na qualidade de vida desses sujeitos.

A representação que o sujeito tem em relação ao que ele vivencia entra num contexto da Teoria das Representações Sociais, que “são constituídas a partir de nossas experiências, de saberes e dos modelos de pensamento que nós recebemos e transmitimos (JODELET, 2001, p.12)”. Por este motivo, esta teoria tem a possibilidade de enriquecer o debate sobre a violência, não descobrindo necessariamente as causas ou origens do fenômeno, mas seu verdadeiro significado na visão dos adolescentes pesquisados.

Segundo Abric (1998), a representação é o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo constitui o real ao qual ele está confrontado e lhe atribui uma significação específica. Para Jodelet (1989, p.283) a representação social é "um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações se referindo a um objeto ou a uma situação. Ela é determinada de uma só vez pelo sujeito ele mesmo (sua história, o que foi vivido), pelo sistema social e o ideológico no qual ele está inserido e pela natureza das ligações que o sujeito mantém com o sistema social”. Ou seja, as representações sociais são um sistema de referências, de significações que permitem interpretar, compreender, explicar e assim, classificar as informações, os acontecimentos, os indivíduos, sendo uma maneira de apreender e de pensar a realidade cotidiana e tendo por objetivo dar sentido às coisas. Elas são modalidades de pensamentos orientados em direção à comunicação, à compreensão e à organização do meio social, material e ideal (JODELET, 1989).

Oliveira e Werba (1998, p. 107) afirmam que “uma das principais vantagens desta teoria é a capacidade de descrever, mostrar uma realidade, um fenômeno que existe, do qual muitas vezes não nos damos conta, mas que possui grande poder mobilizador e explicativo”, ou seja, o poder de “transformar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade, em familiar”, como propõe Moscovici (apud SÁ, 1996, p.48).

Assim, este estudo teve enquanto objetivo, apreender e analisar as representações sociais da violência construídas por adolescentes estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Escolas da Rede Pública e Privada da cidade de Campina Grande, PB, identificando os possíveis elementos do núcleo central e periférico das Representações Sociais acerca da violência e descrevendo as atitudes dos sujeitos frente à violência, para compreender, as representações sociais por eles produzidas, numa perspectiva voltada para um olhar da saúde.

## 2 MÉTODOS

A população estudada foi composta por 187 adolescentes estudantes, com média de idade de 16,34 anos e desvio padrão de 4,45 anos, de ambos os sexos, com residência fixa na cidade de Campina Grande, PB, devidamente matriculados na Rede Pública e Privada de Ensino. Foram utilizados os alunos que se encontravam em suas salas de aula e, que, concordaram previamente em participar da pesquisa, no qual pediram aos seus responsáveis, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respaldado no protocolo exigido pelo Comitê de Ética que preconiza a resolução nº 196/96 do mês de outubro de 1996, respeitando a Constituição do Conselho Nacional de Saúde (SAÚDE, 2012).

No presente trabalho, a coleta de dados foi entendida enquanto processo de comunicação e da interação social no qual a neutralidade da observação foi substituída por uma postura de questionamento que envolveu as

condições da situação da entrevista em seus múltiplos aspectos.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram constituídos pelo **Questionário Sócio-Demográfico** (considerado como uma das técnicas mais usadas em estudos das Representações Sociais, tendo como finalidade aclarar questões referentes ao perfil sócio-demográfico dos atores sociais em questão), **pela Associação Livre de Palavras** (considerada como uma das técnicas mais importantes para detectar elementos das representações sociais. O uso destas, foi viabilizado a partir do momento em que se pediu aos entrevistados que associassem cinco palavras ao estímulo indutor verbal “Violência”), e pela **Entrevista Semi-Estruturada** (que contemplou questões abertas sobre o tema a ser estudado, o que proporcionou, uma abertura suficiente para que o entrevistado se sentisse à vontade para falar sobre o assunto, proporcionando assim, uma maior abertura e liberdade sobre a problemática, neste caso, a questão da Violência.

Foram utilizadas basicamente três técnicas de análise: o tratamento estatístico descritivo, a análise de conteúdo do tipo categorial temática proposta por Bardin (1977) e a combinação dos elementos organizadores referenciado por Abric (1998), ou seja, a frequência e a ordem média de evocações (OME), com amparo na Teoria do Núcleo Central das Representações Sociais (SÁ, 1996).

Para a análise dos testes de Associação Livre de Palavras – com a palavra indutora VIOLÊNCIA – utilizamos o agrupamento das palavras por ordem de evocação, segundo a Teoria do núcleo central. Abric (1998) recomenda que os elementos organizadores das representações, deverão conter três indicadores: a frequência do item evocado na população, a média de frequência da evocação e a importância do item para o sujeito. Os dados pertinentes aos testes de associação livre de palavras e do questionário sócio-demográfico foram analisados estatisticamente, enquanto a entrevista semi-estruturada foi de acordo com o procedimento proposto por Bardin (1977) – a Análise de Conteúdo Categorial temática; Vala (1997) afirma, que é o instrumento mais antigo e também o mais utilizado na investigação empírica realizada nas diferentes ciências humanas e sociais.

### 3 RESULTADOS

Dentre os adolescentes entrevistados, 60% pertenciam a Rede Pública de Ensino e 40% da Rede Privada, 67% estudavam nas séries do Ensino Médio e 33% estudavam nas Séries do Ensino Fundamental. A idade destes estudantes, variaram entre 14 a 18 anos, com média de idade de 16,34 anos. Entre estes, 64% correspondiam ao sexo feminino. Segundo o Censo Demográfico (2000) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2012), entre as garotas, a taxa de escolarização é considerada maior do que a escolarização dos garotos. De 1990 para 2000, a proporção de meninas adolescentes fora da escola caiu de 8,2 % para 3,3 %. Já entre os meninos, esta proporção caiu de 9,3 % para 3,7%. Este resultado é influenciado por haver mais meninos trabalhando do que as meninas (IBGE, 2012).

No que se refere ao estado civil destes jovens pesquisados, foi verificado que 96% dos entrevistados eram solteiros, uma minoria (1%) se consideravam casados e 3% afirmaram que moravam junto com alguém. Destes 187 estudantes, 8% confirmaram que trabalhavam para ajudar no sustento e despesas familiares.

Com relação ao instrumento da Associação Livre de Palavras, foi possível identificar 898 evocações que foram agrupadas em 36 categorias. Com estes valores obtidos, foram calculados dois outros índices, trata-se das médias aritméticas da ordem média de evocação, denominada de MOME, e das frequências das palavras evocadas, denominada de F. Segundo Lima (2001, p.85) “[...] esta técnica serve para a identificação dos possíveis

elementos do Núcleo Central das representações sociais [...]”. Assim sendo, efetuamos o cálculo das frequências e das devidas ordens médias da evocação (OME), encontrando a frequência média de evocação (F) igual a 24,94 e a média das ordens médias de evocação (OME) igual a 3,00.

Em uma etapa seguinte, construímos um quadro dividido em quatro quadrantes, sendo dois localizados na parte superior e os dois outros localizados na parte inferior.

Através deste quadro, representado na Tabela 1, nos permitiu uma melhor análise e uma melhor visualização através de uma abordagem espacial das categorias que provavelmente fazem parte do núcleo central e dos elementos periféricos das representações da Violência. Vale salientar, que as siglas utilizadas na Tabela 1, corresponde a OME e F, seus significados refere-se à Ordem Média das Evocações (OME), e a frequências das evocações (F), vide Tabela a seguir.

OME < 3,00 e F > 24,94	OME > 3,00 e F > 24,94
DROGAS (109) 2,78 ESTUPRO (88) 2,29 MORTE (79) 2,34 ASSASSINATO (62) 2,45 ASSALTO (59) 2,83 RACISMO (28) 2,60 ESPANCAMENTO (26) 2,88 AGRESSÃO (25) 2,92	BRIGA (70) 3,11 ABUSO SEXUAL (53) 3,11 SEQUESTRO (38) 3,73
OME < 3,00 e F < 24,94	OME > 3,00 e F < 24,94
ARMAS (24) 2,50 GUERRA (21) 2,95 AGRESSÃO FÍSICA (16) 1,56 DESEMPREGO (15) 2,26 SEXO (7) 2,00 DESUMANO (5) 1,00 VIOLÊNCIA FAMILIAR (5) 3,00 TELEVISÃO (4) 1,00 PROSTITUIÇÃO (4) 2,00 SUICÍDIO (4) 2,00	FOME (23) 3,47 ROUBO (22) 4,54 DOR (16) 4,12 MALDADE (15) 3,40 ABUSO DE AUTORIDADE (12) 3,66 FALTA DE DIÁLOGO (11) 4,36 VINGANÇA (11) 4,45 VIOLÊNCIA (8) 5,00 FALTA DE AMOR (8) 5,00 FALTA DE VERGONHA (8) 5,00 ÓDIO (5) 5,00

**TABELA 1:** Identificação dos possíveis elementos do Núcleo Central das representações acerca da palavra violência

Podemos identificar partindo da análise da Tabela 1, que as categorias drogas, estupro, morte, assassinato, assalto, racismo, espancamento e agressão situam-se no quadrante superior esquerdo compondo, o núcleo central das representações da violência na amostra pesquisada. Estes elementos são aqueles mais rígidos e difíceis de serem mudados. Respondem pela homogeneidade do grupo. É a representação social da Violência mais forte para o grupo.

O sistema periférico das Representações Sociais da Violência encontra-se formado pela inter-relação entre as categorias Fome, Roubo, Dor, Maldade, Abuso de autoridade, Falta de diálogo, Vingança, Violência, Falta de amor, Falta de vergonha e Ódio. O núcleo central regido pelo contexto histórico, social e ideológico vivido em grupo, se difere do sistema periférico na qual permite que novos fatores sejam integrados à representação, como afirma Tura apud Araújo (2003), “[...] o sistema periférico protege a significação central permitindo uma flexibilidade, o que atende à complexidade e fluidez do cotidiano moderno [...]” (ARAÚJO, 2003, p.87)”.

Nos outros dois quadrantes – superior direito e inferior esquerdo – constituem-se como sistema intermediário. São elementos que servem de mediação entre o estável e o móvel, entre o rígido e o flexível,

características marcantes das representações sociais. Eles mantêm uma relação tanto com o núcleo central quanto com o sistema periférico.

#### 4 CONCLUSÃO

A maioria dos estudantes entrevistados da Rede Pública e Privada de Ensino de Campina Grande-PB, considera a violência como uma realidade que se apresenta como um “reflexo” social, ou seja, o crescimento e desenvolvimento de uma “cultura da violência”, que se alastra na sociedade e favorece todo um processo de banalização e naturalização de diferentes formas de violência.

Corroborando com esta idéia, Candau et al (2001) afirma que [...] uma cultura marcada pela violência acompanha toda sua história, multiplicando-se ao longo do tempo, as formas de autoritarismo, exclusão, discriminação e repressão. Não se trata, portanto, de uma realidade nova, mas sim da complexificação de um componente estruturante da nossa História (CANDAU et al, 2001, p. 92).

Quando questionados sobre o que seria a violência, 28% da amostra pesquisada relatam que a violência é marcada pela falta de amor ao próximo, falta de Deus, de respeito, de vergonha, de oportunidade, de equilíbrio, entre outros, como descrita abaixo:

“... violência para mim é a **falta de amor** entre as pessoas, pois o ódio reina em muitos corações e isso faz a violência tornar-se diária, apesar de não ser o único motivo” (18 anos, sexo feminino).

Já para 25% dos adolescentes entrevistados, violência assume a conotação em forma de criminalidade e/ou agressão, como exemplos: assaltos, estupros, assassinatos, conflitos, ódio, agressões físicas e morais, entre outros, conforme foi demonstrado em suas próprias falas:

“...É um abuso de qualquer coisa, agressão tanto física como verbal” (14 anos, sexo feminino).

“... Ato ou efeito de maltratar, julgar entre outros atos que prejudica as pessoas humanas” (18 anos, sexo masculino).

A fome, o desemprego, a injustiça, a pobreza, a policia ineficiente, a má distribuição de renda são fatores fortemente responsáveis pela violência urbana e encontram-se intrinsecamente relacionados à violência conjuntural como se constata nos relatos dos estudantes da Rede Pública e Privada, com 20% da amostra.

“... violência é o que vemos todo dia, a fome, os desabrigados” (20 anos, sexo feminino).

“... É a falta de emprego, de igualdade social, e etc. A violência é cometida por falta de não compreender as pessoas pobres (só faz discriminar)” (18 anos, sexo feminino).

A partir do cruzamento da análise dos entrevistados, tanto da Rede Pública quanto da Rede Privada de Ensino, de ambos os sexos, 27% do restante da amostra, considerou que a violência é algo sem explicação, coisa ruim que não deveria existir, e ainda fonte causadora de rancor, tristeza, maldade, pânico, dor e vingança.

Com este estudo realizado, foi possível evidenciar que a problemática das diferentes manifestações da violência é extremamente complexa e multidimensional e que representa uma ameaça real e constante à vida de todos os estudantes entrevistados, confirmando assim, os dados apresentados na Tabela 1, referente ao núcleo central e periférico das representações sociais, já mencionados e explicados acima.

Independentemente de classificação, a violência é um fenômeno que se origina na sociedade e se reflete em todos os ambientes, pois não se trata de uma realidade nova, mas sim de uma complexificação na realidade de vida de cada sujeito, uma vez que, a violência vem se penetrando gradativamente no cotidiano de cada cidadão,

em especial, na vida destes jovens estudantes, trazendo consequências negativas para todos.

Vale ressaltar que, ao longo do processo da aplicação dos instrumentos e análise dos mesmos, foi constatado que as Representações Sociais construídas por estes estudantes se deram de forma clara e explícita, associando-as e centralizando-as em representações apresentadas através das formas, dos tipos e das causas da violência, como por exemplo, agressão conjuntural referente aos acontecimentos atuais, a desigualdade social, as drogas, o abuso sexual, a morte, assalto, a falta de amor, a falta de Deus, a falta de respeito, a falta de vergonha, a falta de oportunidade, entre outros.

Não se detiveram a uma representação da violência específica na escola, que a cada ano aumenta seus índices de crueldade tanto no Brasil como no mundo. Para estes estudantes entrevistados, a violência se mostra sim, no palco da vida, e na sua real conjuntura social, sendo apresentada como forma de crueldade e de convivência ameaçadora apoderando-se da liberdade e da dignidade de se viver em paz e com tranquilidade.

## VIOLENCE AND SOCIAL REPRESENTATIONS BUILT FOR TEENS STUDENTS

### Abstract

It is observed in Brazilian society that violence is a phenomenon that has been gaining increasing importance and drama. There are many expressions of violence, the individuals involved, the consequences, and its severity and expansion, has achieved more and more spaces for training the spirit of society, as is the case SCHOOL. Faced with this gloomy outlook, there is a need to understand and analyze how students of Elementary and Secondary Education Public and Private Networks in Campina Grande - PB, think about violence, so it is important to emphasize the use of social representations theory approach Moscovician as theoretical-methodological support. The sample consisted of 187 adolescents (113 and 74 of the Public Network Private Network), with a mean age of 16.34 years, of both sexes. The instruments of data collection were the Socio-Demographic Questionnaire, the Free Word Association and Semi-Structured Interview. The word violence was associated with AGGRESSION, DRUGS, DEATH, ROBBERY, RAPE, MURDER, RACISM AND BEATING as possible elements of the Central Core of Social Representations, and around peripheral elements as Sexual Abuse, Hunger, Evil, Pain, Abuse of Authority, Revenge, and Hate. In the interviews, the teenagers expressed constant fear and apprehension in daily life. The social representations constructed by these students gave a clear and explicit where they stopped at a specific violence at school, that each year increases their rates of cruelty both in Brazil and in the world. For these students interviewed, but the violence shown on the stage of life, and its real social situation, being presented as a form of cruelty and threatening seizing coexistence of freedom and dignity to live in peace and tranquility.

Keywords: Adolescent. Social representation. Students. Violence.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes e OLIVEIRA, Denize Cristina de (orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

ARAÚJO, L. A. B. G. **A morte e suas representações sociais por médicos intensivistas**. Dissertação de Mestrado. Mestrado Interdisciplinar em Saúde Coletiva – Universidade Estadual da Paraíba, 2003.

ASSIS, S. G de; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M. C. S & SOUZA, E. R.de (orgs). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.163-198.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

CANDAU, V. M; LUCINDA, M. C.; NASCIMENTO, M. G. **Escola e Violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: \_\_\_\_\_(Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MINAYO, M.C.S. A violência dramatiza causas. In: MINAYO, M. C. S & SOUZA, E. R.de (orgs). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.23-47.

OPAS. ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Resolución XIX: Violencia y Salud**. Washington, DC: Opas., 1993.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAÚDE, CN. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>. Acesso em 25 agosto 2012.

SOUZA, E. R. de *et al.* Análise temporal da mortalidade por causas externas no Brasil: décadas de 80 e 90. In: MINAYO, M. C. S & SOUZA, E. R. de (orgs). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.83-130.

VALA, J. A análise de conteúdo. In: SANTOS SILVA, A. S., PINTO, J. M. (Orgs). **Metodologia das ciências sociais**. 8. ed. Porto: edições Afrontamento, 1997, p.101–128. (Biblioteca das Ciências do Homem).